



Erilene Firmino
Jornalista

Quando verso e prosa transformam a vida de um alguém que ilumina e cativa todos com o poder do sentir

O vocabulário que compõe a língua dos homens ainda é muito limitado para definir a palavra amor. Mas essa insuficiência encontrada nas letras não impõe barreiras para a vida nos presentear com pessoas que são a própria tradução personificada desse sentimento. Erilene Firmino da Silva é amor do sorriso cativante no primeiro encontro às lágrimas que derrama com o coração que pulsa pela vida.

Filha dos livros, irmã da autenticidade, amiga da menina perdida na mulher que sempre existiu, a jornalista traz fortes lembranças da época infantil em que a ordem da vez era trabalho. De pensamentos e desejos incomuns aos parentes que a cercavam, a garota possuía uma vontade insaciável de ser aprendiz da estrutura linguística de qualquer texto que fosse. O mundo era o limite e ele tinha de ser alcançado.

Além de dividir lugar na árvore genealógica da família com a mãe, Suzete Firmino, o pai José Maciel da Silva, e os outros seis irmãos, Erilene encontrou lugar para um membro adotivo: o rádio. Companheiro da rotina e responsável pela trilha sonora que ocupava os silêncios existentes na vida da escritora, a "caixinha de música" se tornou também guia para a vocação nata, uma coisa chamada jornalismo.

A ânsia por estudar mais uma vez se tornou protagonista. Armada com caneta e papel em mãos, e nada além da vontade de conquistar um sonho, a menina de 13 anos estava disposta a percorrer o caminho que fosse, a pé, sob o forte sol da cidade, com a força de inúmeras vozes ensurdecedoras que tentavam derrubá-la. Mal sabiam elas que

Erilene possui uma armadura mais forte que qualquer coisa: o destino.

O jornalismo foi e ainda é declaradamente culpado de fazer o coração de Erilene Firmino bater mais forte. As alegrias e tristezas de uma profissão em constante mudança ainda têm forte influência no arrepiar da pele, nos olhos cheios de lágrimas e na alma

pesada. Seja como refém dentro de um presídio, seja escutando um simples desejo na voz de um pequenino habitante da cidade, vítima da injustiça. As pautas da vida da jornalista só terminam quando acabam, já diziam os ensinamentos de Agostinho Gósson, mentor de corpo e alma.

Conhecida pelo texto que preza pelo humano num ambiente que grita pelo técnico, Erilene muitas vezes se encontra nos caminhos perdidos da poesia, das letras organizadas em momentos de confissão a dois, o papel e ela. Filha também da crônica, encontrou vários "amiguinhos" inseparáveis, os autores dos livros que devora são os companheiros silenciosos de uma vida marcada por sentimentos finitos e imortais, que nos apresentam uma mulher diferente a cada ponto final.

É sorrindo com os olhos que a amante da palavra discursa. Com uma vida marcada por perdas, Erilene aspira transformar o sofrimento em poesia. A "inevitável" junção das histórias, vivências e dores nas páginas de um livro estão marcadas no futuro. O agora nos presenteia com um romance escrito com maestria pela vida da amante dos versos, mesmo ainda precisando de muitas folhas para ser finalizado, a história vivida até aqui já é digna de um *best seller*.

Equipe de Produção:
Carol Melo
Kamylla Karen Veras

Entrevistadores:
Aline Medeiros
Ana Rute Ramires
Caio Vitor
Carol Melo
Claryce Oliveira
Diego Barbosa
Kamylla Karen
Nicolas Paulino
Theyse Viana

Texto de abertura:
Claryce Oliveira

Fotografia:
Mateus Falcão



Entrevista com Eriene Firmino, dia 23 de junho de 2016.

Kamylla – Para começar, a gente quer saber um pouco sobre a sua infância: conte-nos qual o momento mais marcante da infância. Sabemos que você vem de uma família humilde...

Eriene – Eu não tenho, especificamente, uma imagem forte da minha infância. Tenho cenas, situações, nada muito... Eu considero que a minha primeira infância, que eu mesmo divido, vai desde quando eu me entendo por gente até mais ou menos os dez anos, 12 anos, quando eu vivi na casa onde eu nasci. Então, aquela primeira casa, que era lá na Vila Pery (*bairro de Fortaleza, no Ceará*), eu acho que toda ela, toda aquela casa, tudo que a gente viveu ali, de certa maneira, marca a minha infância. Era quando a gente acha que pode tudo, e lá tinha jardim... O muro de trás (*da casa*) dava para um sítio, o sítio do doutor Pontes. Esse primeiro nome... Eu nunca descobri que doutor Pontes era esse. Dessa primeira infância, tem a história desse sítio que era atrás da nossa casa e tinha essas brincadeiras de rua e de ficar no meio da rua brincando. Não tenho nenhuma lembrança que diga que fui feliz ou fui infeliz. Eu sei que hoje, muito do que eu sei, todas as vezes que eu volto na memória, é para aquele momento, talvez por isso que não tem uma coisa específica. Nós éramos sete irmãos. Era um casal, o pai (*José Maciel*) e mãe (*Maria José, mais conhecida como Suzete*) e sete filhos (*Eriene, Lúcia, José Alberto, Erineide, conhecida como Lêda, José Maciel, Eliete, apelidada de Lia e Ana Cristina*). Então, foi uma infância tranquila, de muita brincadeira e muita tranquilidade.

Meus pais vieram do interior; na época, era interior, hoje é Maranguape (*cidade*), que é Região Metropolitana (*de Fortaleza*), e Baturité (*município localizado a mais de 90 km de Fortaleza*). Na época, tudo era longe e eles vieram para cá fugindo da seca. E, aqui, nós tínhamos essa vida de simplicidade, mas eu não me dava conta dela. Não me dava conta de que eu era filha de pessoas que tinham um menor poder aquisitivo. Foi uma infância feliz, tranquila, e as minhas memórias, tudo que eu tenho de sentimento, tanto imagens, situações gostosas, boas, de sensações, de saudades, eu sei lá... Todo sentimento de ingenuidade, de entrega, de acreditar, é daquele tempo. Então, eu acredito que era uma

coisa mais geral; por exemplo, o que tinha naquela época e não tem hoje (*era que*), como nós eramos sete, os mais velhos iam cuidar dos mais novos. A mãe cuidava da casa, o pai passava o dia fora trabalhando e os filhos mais velhos cuidavam dos mais novos. Hoje, a minha irmã mais velha (*Lúcia*) tem oito anos de diferença de mim, mas, depois que a gente fica adulto, fica tudo igual, nivela tudo por cima. Hoje, eu estou mais velha igual a todos os mais velhos. Mas, naquela época, eu era mais nova mesmo. Tinham uns mais velhos como essa de oito anos, aí vinha uma carreira: tinha meu irmão José Alberto, sete anos mais velho que eu. Tinha minha irmã Eliete, de cinco ou seis anos. Eu conto assim os mais velhos. Eu era uma das mais novas e eu me lembro de ser cuidada pelos meus irmãos. De eles me darem banho, de brincar e de acreditar em mundos possíveis. Eu não sentia qualquer diferença. Não tenho um discurso assim: "Quando eu era criança, meus pais (*eram*) muito pobrinhos e a gente ficava ali sofrendo". Se a gente sofreu, não me marcou; eles souberam dividir o que eram as dificuldades com amor, que eu descubro mais agora, que sou adulta, (*depois*) que já pensei e repensei. Um amor que veio mais de um cuidado, que você não diz "eu te amo", não beija, (*não*) abraça, mas no cuidar você demonstra. Eu tive isso na minha infância e, talvez, por ter essa segurança toda, eu não tenha (*por exemplo*): "ah, mas isso foi tão ruim! Ah, mas isso foi tão triste!"

Foi muito boa, aquela minha primeira infância, que é na primeira casa, onde eu nasci. Nasci de parteira. Da minha mãe, eu fui a última que nasceu de parteira; depois de mim, só tem uma mais nova, mas ela já nasceu em maternidade. Então era aquela vida natural, aquela vida comum. Meus pais, apesar de terem vindo do interior... Minha mãe, depois que veio pra cá, nunca mais voltou (*para Baturité*), mesmo meus tios e os pais dela tendo continuado lá. Nunca! Eu vim conhecer Baturité depois que comecei a trabalhar, já como jornalista. Nunca fui para a cidade da minha mãe. Aquelas férias que a gente costuma ter na casa dos avós, nunca tive. Talvez por essa tranquilidade, porque minha casa, apesar de ser na Capital e de eu ser filha de um trabalhador, um operário, e de uma dona de casa, a gente vivia aqui em Fortaleza como se a

O entrevistador Nicolas Paulino é estagiário da Eriene Firmino, no jornal *Diário do Nordeste*. Ele atua no caderno de Cidade, no qual ela ocupa a função de Chefe de Produção.

O participante da Revista *Entrevista* nº 36 Nicolas Paulino, por trabalhar com a Eriene Firmino, atuou como informante da equipe de produção. Ele sondava informações com a entrevistada e passava para a equipe.

Na manhã do dia em que ocorreu a entrevista, Erilene se mostrava muito nervosa e chegou a questionar se o Nicolas Paulino também estava com os ânimos alterados.

gente tivesse um pouco no interior, sabe? Era aquele processo natural da vida, então não tenho... Não que eu me lembre assim de algo marcante, a não ser que seja a própria infância em si. Todo esse espaço de aconchego, de naturalidade, dessa segurança, faz bem *pra gente, né?!*

Kamylla – Como era que a família se organizava para ter o sustento da casa? Sabemos que o pai trabalhava e a mãe era dona de casa...

Erilene – A mamãe e o papai (*eram*) filhos de famílias pobres, *né?!* A mamãe desde cedo ia para o roçado lá na terra dela, em Baturité. E o papai também sempre trabalhou. Eles sempre trabalharam muito cedo. Quando o papai, por exemplo, trabalhou... Tinha umas frentes de serviços aqui (*em Fortaleza*) em uma época de seca e tem uma estrada de Maranguape que tem como se fossem uns paralelepípedos – a estrada não é feita de asfalto –, ali tem a mão dele. Eu descobri isso depois que o papai parou de trabalhar e envelheceu. Ele gostava muito de ir para Maranguape e a gente ia e ficava lá sentado na praça. Um dia, ele disse: “Erilene, tá vendo ali aquela estrada? Eu trabalhei ali”. (*Eu*) juntava com as minhas informações: “O senhor trabalhou na estrada de Maranguape como?” E ele contava. Então, para eles, trabalhar era natural.

Na minha infância, a mamãe era dona de casa, mas como, para ela, era comum o trabalho lá (*em Baturité*), a gente também trabalhava dentro da nossa... Meus irmãos mais velhos começaram a trabalhar no mercado de trabalho muito cedo, e os mais novos, a mamãe arrumava uns trabalhos pra gente fazer em casa. Então, lá nessa primeira casa, de onde eu saí com dez anos, que era na Vila Pery, era assim: vinham uns tecidos – eu acho que era como se fosse uma confecção – e a gente ficava tirando os fios. Quando você faz uma peça de roupa, qualquer peça de roupa, você tem de ir limpando. Antes dos dez anos, por exemplo, eu fiz isso. Eu digo antes dos dez anos porque eu me lembro que eu fazia lá nessa casa, da Rua Frei Serafim (*via pública do bairro Parangaba, em Fortaleza*) Eu não sei o que é que a mamãe fazia com esse dinheiro (*risos*), porque, efetivamente, eu desconfio do que ela fazia. Mas quem sustentava mesmo a casa era o pai.

Quando a gente foi para a segunda casa, que é ali no bairro Demócrito Rocha, que a gente chama Parangaba, a mamãe apareceu com uns benditos de uns sacos para a gente fazer, que a gente fazia e vendia. Quando a gente chegou lá nessa casa da Rua Paraíba (*no bairro Demócrito Rocha, em Fortaleza*) tinha toda uma atividade econômica ali. Muitas

A entrevista aconteceu no estúdio de TV da Universidade Federal do Ceará. No dia, antes de a entrevistada chegar, Nicolas, Diego, Carol e o professor Ronaldo organizaram o local, que foi escolhido pela própria Erilene.



“Foi o rádio que me despertou para a necessidade de fazer notícia. No sentido de poder, através da minha profissão, interferir em uma realidade e modificá-la para melhor.”

peessoas viviam disso, que era fazer esse saco que era comercializado lá no São João Batista (*na verdade, ela se refere ao Mercado São Sebastião*). A nós cabia fazer e a gente fazia. Entregava para o homem e ele levava. A minha adolescência praticamente toda foi nessa coisa. Eu fazia isso, eu e mais dois irmãos.

Quando eu cheguei à Rua Paraíba, eu tinha 11 anos e tinha uma irmã mais nova, que é seis anos mais nova que eu, a Ana. Ficávamos eu, a Ana e o Maciel fazendo esse trabalho. Os outros irmãos, os mais velhos, que eram a Lúcia, o José e a Eliete, já foram começando a se inserir no mercado de trabalho. E a Leda, no primeiro ano que a gente viveu na Rua Paraíba, ela morreu. Então éramos três que fazíamos isso. Nós chegamos à Rua Paraíba em 1976 e a Leda morreu em 1977. Esse negócio de trabalho infantil não era... Não sei nem se o conceito existia. Não era ruindade, mulher má, perversa, não, não era isso (*fala da mãe*). Era o natural dela que os filhos ajudassem em casa.

Como a gente não tinha roçado, o papai ainda plantou roçado lá... Na Vila Pery, ainda tinha roçado, um pequenininho. Só pela necessidade de eles manterem o contato com a cidade deles de alguma maneira. O natural para ela era aquilo. Ainda assim, naquela época, era o papai que mantinha a casa. Desconfio que a mamãe pegava aquele dinheiro para não depender, entendeu? Para ela ter como resolver as questões dela sem estar o tempo inteiro dizendo: “Zezinho me dá isso, Zezinho me dá aquilo”. Porque o discurso da minha mãe sempre foi este: “Não dependa de ninguém, não dependa”. Ela dependia dele, mas ela dizia muito para nós filhas mulheres: “Minha filha, só faça uma coisa na sua vida: não dependa de homem”. “*Tá certo, mãe*”. Eu acho que ter esse dinheiro era a forma de ela se manter sabendo que tinha algo além do que ele podia. Então, a gente ficou nisso. A minha adolescência toda foi nessa história de trabalho em casa.

Eu trabalhava de manhã, de tarde ia para a escola e, de noite, voltava e estudava. Às vezes, eu voltava e ainda tinha saco para fazer, e fazia. Mas sempre esse trabalho que a gente fazia eu não sabia como ele retornava no dinheiro, porque, efetivamente, quem garantia o sustento da casa era meu pai. Mas

you pergunta: “Como era esse sustento, se ele sempre recebeu um salário mínimo e tinha sete filhos, primeiro, depois seis?” Nós nunca passamos fome! O que a gente não tinha naquela casa devia ser a abundância de produtos, vamos dizer assim. A mamãe, uma dona de casa, antes de tudo é uma administradora e ela soube administrar essa história. Seria pieguice de minha parte (*se dissesse*) que passei fome, que passei necessidade, que passei isso e aquilo. Nunca faltou comida na nossa mesa, e, se faltou, se teve momentos de faltar, não foi relevante, porque não foi isso que ficou daquela época para mim. Eu não lembro nem da minha infância nem dessa adolescência com fome.

O que me incomodava mais no trabalho era a ocupação, era estar ocupada, era não estar livre para ser adolescente, para viver tudo que é possível quando você tem o seu tempo disponível, sabe? Então, o que me marcou daquela época foi isso, da falta do tempo, porque o saco tirava de mim, esse trabalho tirava de mim essa possibilidade de fazer outra coisa.

Kamylla – Eriene, quero que você fale um pouquinho sobre o trabalho infantil, que você perdeu tempo de certa forma. Gostaria de saber se esse fato gerou algum ressentimento na criança, na menina Eriene sobre isso. E a forma como você fala de isso hoje se é uma forma de explicar a atitude da mãe. Quero que você fale um pouquinho sobre isso.

Eriene – Na época, eu tinha raiva de estar trabalhando. Nada que fizesse eu ter ódio ou ressentimento da minha mãe; eu tinha raiva ali, naquela hora.

Kamylla – Mas isso dificultava a relação de vocês duas?

Eriene – Não. Eu descobri muito... Quando eu descobri que eu tinha problemas com minha mãe, eu já estava muito adulta; naquela época, só tive problema com a mamãe mesmo de enfrentá-la, nesses períodos de infância e adolescência foi quando, de alguma maneira eu vi que sempre quis estudar. A mamãe sempre botou todo mundo na escola, ela fazia isso, mas por duas vezes eu entrei em conflito com ela em questão de educação. Na primeira vez, eu tinha oito anos. Eu já fui para a escola lendo; eu entrei no

Filipe Pereira acompanhou a entrevista como auxiliar de fotografia. Ele foi a primeira pessoa fora do Laboratório de Jornalismo Impresso que participou de todas as entrevistas de uma edição da Revista *Entrevista*.

Eriene é ex-aluna de Ronaldo Salgado e possui um grande apreço por ele. Então ao chegar ao estúdio de TV, no dia da entrevista, solicitou que os dois tirassem uma foto juntos.

Eriene, ao sentar-se na cadeira, antes de a entrevista começar a ser gravada, olhou para Nicolas e brincou com ele. "Não se vingue de mim não, viu?" - disse no tom de ameaça.

primeiro ano...

Kamylla - Conta para a gente desse processo de aprendizagem, da leitura. Como você chegou a ler?

Eriene - Da leitura foi assim: tinha essa história lá em casa de um ajudar outro, os mais velhos. A mamãe ensinava a gente a ler soletrando. Tinham umas cartilhas. De vez em quando, o pessoal posta aquelas coisas no Facebook: "Você se lembra disso? Você se lembra daquilo?" (*mudando o tom da fala pra algo mais debochado e engraçado*) Eu faço de conta de que não é comigo (*risos da turma*). Mas tinham as tabuadzinhas e tinha uma cartilha do ABC, e a mamãe ensinava a gente com aquele ABC, ia conhecendo as letras. Os mais velhos iam ensinando os mais novos. Fazia um papelzinho, cortava e botava a letra: "Que letra é essa?" E depois soletrava. E eu sempre achei muito interessante esse universo de letra e de palavra. Quando (*em casa*) entrava qualquer papel que eu visse com letra, eu pedia alguém para me ajudar. E tinha - que eu me lembro daquela época -, aparecia pedaço de jornal que vinha enrolando as comidas, as verduras. Entrava em casa. E eu pegava aquele papel e corria atrás da minha irmã mais velha, a Lúcia, para ela me ensinar a ler. Eu tenho para mim, vivido assim, que, quando eu li mesmo, que eu juntei tudo e entendi o que estava ali, era num bendito pedaço de jornal com a Lúcia, minha irmã, sabe?!

Caio - Eriene, no material de produção, você diz que tinha aprendido a ler só devido às coincidências da vida. Essas eram as coincidências?

Eriene - Não sei. Não sei se as coincidências da vida... Coincidência eu vi depois, porque eu comentei, na pré-entrevista, com as meninas e tudo: eu não passei a minha vida pensando, né?! Na medida que você vai avançando, é que você vai pensando. A pré-entrevista foi muito boa nesse sentido. Então, depois que eu já estava adulta, depois que comecei a repensar, fazer terapia e tudo mais, eu me lembrei e achei a coincidência de ter aprendido a ler em papel, em jornal. E o meu jornal não foi um jornal que entrou comprado, foi um jornal que estava bolando por ali. Então, eu achei interessante a coincidência e achei muito legal, porque, tudo isso que estou dizendo aqui pra vocês, em vez de causar em mim um sentimento negativo. Não, para mim é um orgulho muito grande eu ter apreendido a ler em um papel jornal que estava bolando na minha casa e acabar sendo jornalista. Porque eu não quis ser jornalista por causa do jornal impresso, eu quis ser jornalista por rádio. E, de repente, fazer da palavra, do impresso, a história da minha

vida é uma coincidência interessante. Mas na época eu não tinha consciência nenhuma disso, só fui descobrindo com o tempo.

Tinha outra coisa... Ela (*refere-se à Kamylla*) tinha perguntado se eu tinha ressentimento da minha mãe. Não! Teve um momento que eu tive ressentimentos da minha mãe, mas já foram em outros momentos, nem tanto por conta dessa história do trabalho infantil. Essa história do trabalho infantil, inclusive, eu descobri... Eu estava fazendo uma matéria trabalhando já como repórter, com o pessoal do Programa de Educação Tutorial (PET). A Organização Não Governamental (ONG) que trabalhava no combate, no enfrentamento do problema, fez um vídeo com o pessoal da UFC, eu esqueço qual é exatamente o núcleo. E, de repente, eu fui assistir ao vídeo e vi as meninas que eu entrevistava pedindo fonte. "Ai, me dá uma fonte, me dá um personagem que fazia trabalho infantil e tenha conseguido sair" E as pessoas com as quais eu falava diariamente pedindo fonte, umas pessoas seguras, tranquilas, elas estavam no vídeo chorando, porque elas tinham passado pelo trabalho infantil, elas já compreendiam de maneira diferente da minha. Elas estavam chorando porque elas diziam que aquele tempo não voltava. Quando eu estava assistindo àquele vídeo, eu disse: "Valha, meu Deus, o que eu fiz também foi trabalho infantil" (*relembra rindo*). O que eu fiz foi trabalho infantil e eu não sabia que era. Para mim, era comum dentro do meu universo, na minha casa e na minha história. Então, os ressentimentos e os problemas que eu tive com ela (*mãe*) não foram daí não.

Theyse - Você nos fala muito dos irmãos, teve uma relação muito próxima. Como era essa relação no dia a dia? Você se sentia diferente deles, principalmente por esse interesse pela letra, por esse amor pelos estudos?

Eriene - Mulher, é assim: diferente dos meus irmãos sempre fui, mas não só deles, efetivamente. Eu sou muito diferente da maioria das pessoas até hoje. Essa inadequação, sabe?! Lá em casa, eu passava muito tempo... A gente se dava superbem, mas eu passava muito tempo dentro do quarto lendo. Primeiro, lembre-se de que nós eramos cinco mulheres, mas uma morreu. Essas cinco mulheres eram todas dentro de um quarto: ou a gente se amava, ou a gente se amava, né?! (*risos da turma*) Quando morreu uma (*a Leda*), ficaram quatro. Eu ficava muito tempo lendo, ouvindo música; mesmo vivendo nessa casa com tantas pessoas, eu sempre arrumei uma maneira de ficar só. Minha irmã mais nova (*Ana Cristina*) dizia que eu entrava em transe, mas era assim, aquela *muvuca*, aquele negócio e eu deitada lendo ou ouvindo

A aluna Julia Ioneli, infelizmente, não pôde participar da entrevista com Eriene. Ela teve de faltar por motivos pessoais, sendo a única integrante da Revista Entrevista nº 36 a não estar presente em um encontro.



Para montar o material de produção, a dupla de produção, Carol e Kamylla Karen, entrevistou as amigas de Eriene Naiana Ribeiro e Marta Bruno, o ex-professor Ronaldo Salgado, a afilhada Nayana Melo e também a ex-colega de faculdade Francis Guedes.

do música. Sempre teve essa diferença. Tem até hoje, o jeito que eu curto a vida, os meus prazeres são diferentes dos prazeres deles.

Diego – Mas, Eriene, com relação a essa solidão, existe algum motivo específico?

Eriene – Rapaz, eu não sei, Diego. Eu não sei te dizer. Eu não sei se porque tinha essa diferença. *(faz uma pausa e fica em silêncio um pouco)* Tem um momento na minha vida que eu preciso estar só, eu preciso de um tempo pra mim, sabe? Eu tenho muitos amigos e tenho família e vivo junto com as pessoas. E meus amigos todos sabem, as pessoas todas sabem: tem um momento que eu preciso ficar sozinha. Quando eu estou assim, é quando eu mais me aproximo de mim. Eu não sei se essa necessidade de estar só é porque... Quando você está sozinho, você não precisa ser nada além de você mesmo nem interpretar nenhum papel. A gente não interpreta papel porque a gente quer. Nesse momento, por exemplo, eu estou sendo entrevistada, o meu papel aqui é um, não é? Eu não estou interpretando. Você acaba assumindo, vamos dizer assim, assumindo papéis na relação com outro. Eu preciso estar só porque, quando eu estou sozinha, é quando eu me encontro.

A vida é muito complicada, ela é muito intensa e eu tenho uma necessidade muito grande de não me perder, de todo tempo estar sabendo quem eu sou para agir conforme a pessoa. Eu detesto me perder; de vez em quando eu me perco. Eu acho que essa minha solidão já vinha dessa minha forma de ser mesmo. Isso eu estou falando da adolescência, mas, quando eu era criança, tinha um momento em que eu me escondia lá pelo quintal, ia lá para perto das plantas, minhas amigas eram as plantas. Criando mil e quinhentas histórias na minha cabeça. Ai

que pastel fofinho, que pastel necessariamente, que pastel isso e aquilo. Nunca faltou comida de quem chegasse, porque me atrapalhava.

Caio – Você disse que seus pais eram pessoas de falar pouco e viver mais. Você acredita que essa relação de poucas palavras com eles influenciou no seu jeito de ser?

Eriene – Capaz, né?! Capaz... Agora, tem o seguinte: eu falo muito e digo mais; talvez tenha sido na própria contradição, porque eu acho que, no fim de tudo, a gente acaba se tornando nossos pais. E talvez uma das formas de eu me tornar os dois é falar tanto e dizer tanto, porque eu tenho para mim que, se a mamãe ainda estivesse viva, ela ia me perguntar: “Mas minha filha, como é que você sabe tanto de mim?” Porque eu provavelmente saberia contar para ela quem ela era e ela só olhando para mim, porque ela não dizia. Talvez seja isso, não sei.

Às vezes, as pessoas perguntam para mim se eu... Porque eu sou muito receptiva, eu tenho muitos amigos e os amigos sempre me procuram, a gente troca muito. As pessoas acham assim: “Eriene, só as pessoas te dizem ou tu *diz* também de ti?” Ah, eu me conto toda, não tenho problema nenhum. Não tenho nada efetivamente na minha vida, nem no meu jeito de ser, nem no que eu penso que eu queira guardar só para mim, a não ser esses momentos que eu preciso parar e ficar quieta.

Aline – Eriene, seus pais vieram para Fortaleza fugidos da seca. Como é que isso influenciou você?

Eriene – Influenciou assim: eu sou uma sobrevivente da seca sem ter estado no sertão. Essa história de as pessoas terem de sair das suas casas, do Ceará, do Nordeste para ir para o Sudeste, para ir para Brasília, para ir para não sei aonde para sobreviver, me doeu a alma. É como se fosse um pedaço de mim, é como se fosse eu... Eu me sinto agredida,

A relação do rádio com Eriene é claramente uma ligação muito forte, tanto é que em seu décimo quinto aniversário ela pediu um aparelho de radiodifusão só pra ela ao pai e Seu José Maciel cedeu ao humilde pedido da filha e realizou o querer da debutante.

Eriene gosta muito de ouvir MPB e listou os artistas preferidos durante a pré-entrevista. São eles: Chico Buarque, Elis Regina, Milton Nascimento e, principalmente, Pedro Mariano.

“Essa (...) Eriene que existe hoje, feliz com suas coisas, que se sensibiliza com essas questões, aparentemente, pequenas (sem a educação) ela não existiria.”



doída, eu tenho pena, sabe?! Talvez porque meus pais nunca tenham se sentido de Fortaleza, eu tenha ficado com essa saudade de uma casa que não existiu para mim. Então, essa questão de seca, ela é uma questão minha. Ela me irrita quando eu vejo a inércia do poder público, quando eu vejo as coisas caminhando, caminhando, caminhando, sem que efetivamente se faça nada.

Todas as pessoas sabem que a seca é cíclica, todas as pessoas sabem efetivamente o que tem de ser feito e não se faz. Isso daí me agride. E, quando eu vejo as pessoas saindo do meu Ceará para ir para o Sudeste... Não são as pessoas... Hoje, a gente tem uma diferença (em relação à) década de 90, década de 2000. Tem as pessoas que decidiram ir para São Paulo para fazer pós-graduação. Essas pessoas não saíram daqui por conta da seca, elas foram atrás de outras questões. Eu falo é daquela pessoa que sai do interior do Ceará, ou sai daqui de Fortaleza porque não tem emprego, está passando fome e vai lá para o Sudeste. Ser chamado lá em São Paulo de “paraíba” ou “baiano”... Perdeu o nome, perdeu a identidade. Eu vou para São Paulo, chego lá e a maioria dos taxistas são cearenses. Quando eu falo, que ele vê meu sotaque, aí pronto, começa história e vai até o aeroporto. Essa pessoa é minha; eu não sei o nome dela, eu não sei o que ela faz da vida dela. Nada. Mas essa pessoa é minha. A seca chega para mim assim: como uma dor, como uma questão a ser resolvida, uma tristeza, uma melancolia. Eu não suporto saber que a pessoa precisar sair da sua cidade, perder suas raízes, sua identidade por conta disso.



A paixão de Eriene pelo cantor Pedro Mariano é muito grande. Ele é o artista favorito dela. Ela já foi a inúmeros shows dele e até mesmo o entrevistou para o *Cardeno 3*, do jornal *Diário do Nordeste*.

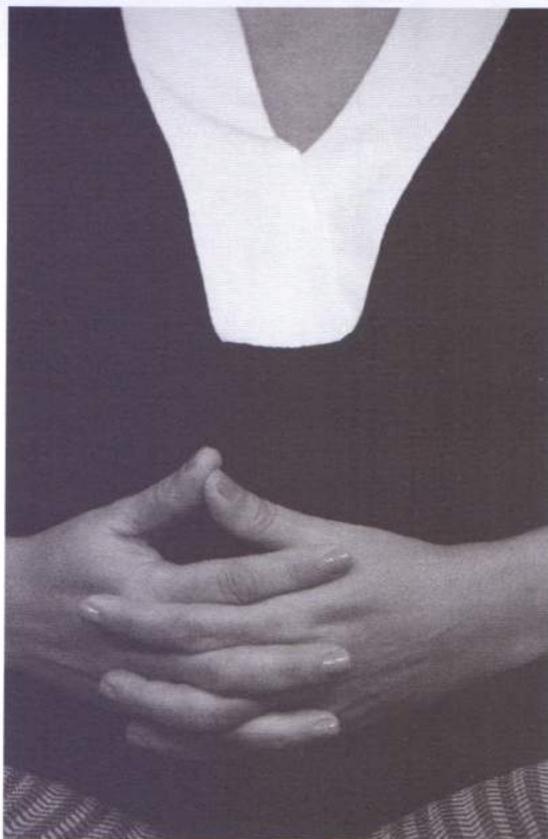
Aline – Erilene, você fala muito da mãe, mas e o pai? Como era e é a relação com ele?

Erilene – Mulher, o papai é assim: ele trabalhava (*risos*)... A gente só via o pai à noite. Nos finais de semana, era muito legal, porque ele ouvia música. Todo domingo eu acordava com as músicas do rádio do papai. Eu acho assim: a mamãe... Sabe aquela história do feijão e o sonho? (*refere-se ao romance do escritor brasileiro Orígenes Lessa, publicado em 1938 e adaptado para novela pela Rede Globo*). A mamãe é o feijão e o papai, o sonho. Eu acho que quem me deu essa abertura, essa cabeça para sonhar, foi o papai. O jeito dele de ser... Ele tinha um jeito mais tranquilo de viver, os olhos dele. Os olhos dos meus pais são da cor dos meus, ou os meus são da cor dos deles. O papai e a mamãe tinham os olhos castanhos assim (*aponta para os próprios olhos*). Mas o castanho do papai, o jeito que ele olhava para a vida era diferente. Quando ele estava de folga, ele ficava dentro de uma rede se balançando e ouvindo música, sabe? E aquilo ali, eu ficava pensando: "O que é que esse homem está pensando aí?" Hoje – minha mãe faleceu vai fazer três anos em dezembro e meu pai tem Alzheimer.

Carol – Erilene, você acha que a origem humilde e, também, o fato de você trabalhar desde cedo influenciam na sua personalidade, na forma como você lida com a vida e na mulher que você é hoje?

Erilene – Mulher, tudo, tudo, tudo que eu vivi, essas dificuldades para estudar... Para passar na Federal (*Universidade Federal do Ceará*), eu fiz três vestibulares. Três (*diz ilustrando com dedos*). Eu já estava para desistir, porque eu estudei em escola pública e hoje tem um bocado de faculdade de jornalismo, mas na minha época só tinha a Federal. Então, se eu não fosse persistente, se eu não tivesse visto a adversidade e como você vai caminhando, eu não teria... Hoje, quando eu estou diante de algum problema sério, querendo desistir ou achando que não sou capaz – aquela hora que a gente acha "eu sou uma droga mesmo" –, eu me lembro das coisas que eu mesma fiz pra chegar até aqui, sem que efetivamente nunca tivesse tido nenhum tipo de favorecimento ou alguma ajuda.

Eu até aqui, meus queridos, não é que



eu esteja no ápice de qualquer situação, o 'até aqui' é em uma vida que eu queria, na profissão que eu escolhi, trabalhando com o que eu gosto, que é escrever. Ou também de investigar, de jornalismo. Com amigos, com uma casa. Do meu jeito. Esse 'aqui' é isso. É essa vida que eu queria ter. Falta só a praia lá na Maraponga, que é mais difícil (*risos da turma*) Eu vou ter de sair de lá pra ir atrás da praia, né?! Do que eu imaginei, do que eu quis para minha vida, eu tenho. É muito difícil a pessoa dizer que conseguiu ter o que queria. Nunca fui de querer muito. Eu não sou ambiciosa de coisas, de grandezas. Não, eu quero uma coisa. Eu tendo essa coisa aqui, tá bom. Então eu tenho o amor, não preciso de todos os amores do mundo. Eu conheço o amor.

Caio – Foi o rádio que levou você para o jornalismo. De que forma essa paixão pelo rádio despertou a paixão pela música? E como eles influenciaram na sua sensibilidade e no seu jeito de escrever?

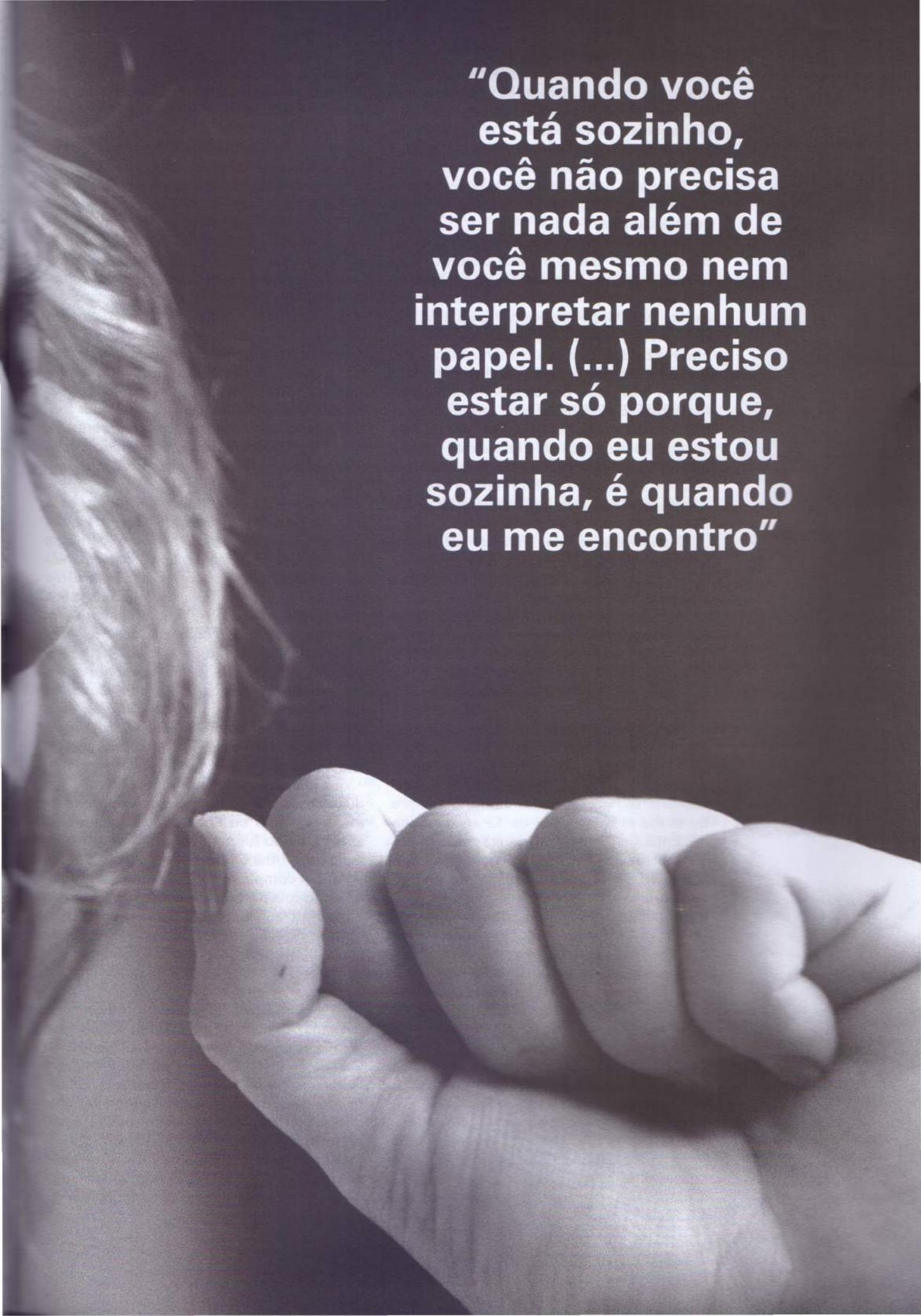
Erilene – A música entrou na minha vida

"Sou uma adolescente retardatária. (...) Porque eu não deixo essa coisa, que é meio ingênua, que é meio lúdica, morrer dentro dessa mulher de 50"

A pré-entrevista com Erilene e a equipe de produção aconteceu no dia 15 de junho, no Laboratório B, localizado no prédio do curso de Comunicação da Universidade Federal do Ceará. A conversa durou três horas.

Erilene tem a fama de ser pontual e se autointitula ser uma pessoa certinha. Porém, na pré-entrevista, acabou se atrasando, mas ligou para a produtora Carol para avisar que havia passado por um imprevisto no trabalho.





**“Quando você
está sozinho,
você não precisa
ser nada além de
você mesmo nem
interpretar nenhum
papel. (...) Preciso
estar só porque,
quando eu estou
sozinha, é quando
eu me encontro”**

A entrevista durou ao todo 2h39min, se configurando a mais longa desta edição. Em segundo lugar está a entrevista da fotógrafa Karine Garcéz, com 2h25min.

com o papai e com a mamãe. Sempre teve música lá em casa. Desde eu criança, a mamãe embalava a gente cantando, mas não era aquele: "lá-ra-lá-lá-lá", "o boi-boi-boi" (*cantarolando sons semelhantes a cantigas de ninar*). Era música (*mesmo*) que ela cantava. E sempre tinha rádio ligado lá em casa.

Ana Rute – Que tipo de música era essa que ela cantava?

Eriene – Mulher, eu só me lembro de duas músicas que a mamãe cantava. Uma música que tinha... Eu vou ter de cantar?! Eu não acredito não (*rindo*). Era Índia (*canção escrita por José Assuncion Flores e M. Ortiz Guerrero*), assim: "Índia teus cabelos nos ombros caídos" (*cantando trecho da música*). Porque a mamãe tinha os cabelos parecidos com os teus, lisos, pretos (*apontando para a Ana Rute*). E essa história da índia, eu acho, que remetia muito para ela, por isso ela cantava muito essa música. Porque eles (*o pai e a mãe*) se conheceram em uma quermesse, aqui em Fortaleza. (*A outra música era "Dez Anos", cantada por Emilinha Borba e Gal Costa, entre outros intérpretes*).

O papai era aquelas músicas do Vicente Celestino (*cantor de M.P.B. que fez sucesso entre os anos 1915 e 1950 e escreveu e interpretou músicas como Porta Aberta*), o Sílvio Caldas (*compositor e intérprete brasileiro que fez sucesso entre os anos 1927 e 1998, conhecido por cantar Chão de Estrelas*), o Teixeira (cantor, compositor e ator dos anos 1950 a 1980, famoso pela música *Querêncio Amada*).

Caio – (*interrompendo*)... Só retomando... Essa relação que você tem com música influencia no seu jeito de escrever no jornalismo?

Eriene – Na verdade, eu sempre escrevi. Sempre, sempre, sempre, sempre, sempre. Eu tenho diários desde os 13 anos de idade. Então, a música tem muita relação com a minha sensibilidade, para vida, para tudo. A música e a literatura. Eu sempre li muito também.

Jornalisticamente, ela influencia nessa hora que eu estou produzindo as crônicas que saem às sextas-feiras no *Diário do Nordeste*. Quando eu estou pautando as matérias de cidade, não tem música nenhuma. Porque esse jornalismo cotidiano, esse jornalismo diário, ele é objetivo, ele é uma outra parte minha.

O rádio me trouxe para o jornalismo. Não foram as músicas. Foi o rádio serviço. Porque eu estava lá, no trabalho matinal, e ficava com o rádio ligado, ouvindo rádio serviço. Tinha o programa do Nacélio Limaverde (*radiojornalista cearense*), onde tinha um repórter que ia às ruas conversar com as pessoas e perguntava o problema delas. (*Depois*), a

rádio falava com o poder público e ele dizia que ia resolver. E eu disse (*bate as mãos pra reforçar a afirmativa*): "Eu quero fazer isso! Eu quero fazer jornalismo, porque eu quero escrever". Não sabia que tinha essa diferença – só descobri depois – do jornalismo, do rádiojornalismo. "Eu quero fazer isso daí".

Foi o rádio que me despertou para a necessidade de fazer notícia. No sentido de poder, através da minha profissão, interferir em uma realidade e modificá-la para melhor. Onde é que a música entra, quando eu estava fazendo esse jornalismo *hard* – que é a notícia cotidiana –, porque a redação é muito barulhenta e quando eu era repórter... Quando eu era repórter não (*corrigindo-se*), porque repórter eu serei até morrer, quando estava atuando como repórter, para me concentrar botava o fone de ouvido com qualquer música e ficava escrevendo. Porque a redação, como é muito barulhenta, tirava minha concentração e eu me concentrava ouvindo música

Aline – Você fala muito que tomou essa decisão de ser jornalista, que teve de batalhar para conseguir entrar no Liceu (*o Colégio Estadual Liceu do Ceará é uma escola pública do Estado do Ceará em Fortaleza*). Mas como era a relação com a família? O fato de a sua mãe querer que você e seus irmãos fossem trabalhar e você querendo estudar?

Eriene – Mulher, a mamãe... A gente trabalhava, mas ela queria que a gente estudasse também. Eu não sei o porquê. Quem foi que disse pra mamãe: "Dona Suzete, seus filhos têm de estudar"? Mas, na verdade, todos nós estudávamos e trabalhávamos no outro horário (*livre*).

Eu entrei em conflito com a mamãe em duas vezes por conta da educação, mas foi assim: quando eu tinha o *bendito* dos oito anos, quando fui para escola, a minha irmã mais nova (*Ana Cristina*) se ressentiu, porque perdeu a companhia. E a mamãe quis me tirar da escola porque ainda não era a hora de a mais nova ir, (que era) para eu ficar esperando por ela. Mas eu disse: "Não" – foi a primeira vez que eu disse não. E comecei a chorar. Deus sabe lá o que foi que eu fiz que eu não saí da escola. (*rindo*)

A segunda vez foi quando eu terminei o ginásio – aquilo que a gente vai até a oitava série, que agora é nono ano – e fui estudar no Castelo Branco (*Colégio Estadual Presidente Humberto Castello Branco, localizado no bairro Montese, em Fortaleza*). Quando eu cheguei lá, no segundo semestre, houve aquelas aulas de vocação e perguntaram: "Quem da turma quer fazer Administração? Quem quer fazer Contabilidade?" Porque o segundo e o terceiro ano eram profissionalizantes

No dia da entrevista, foram compradas seis garrafas de águas da marca Acácia, da qual a amiga da fotógrafa Karine Garcéz é dona. As garrafas foram adquiridas no estabelecimento da dona Cleide, que foi entrevistada na Revista *Entrevista* nº 35.

(na época). Mas eu não queria nenhum deles, queria era o Científico. Aí perguntei: “E o Científico? Eu não quero fazer isso, eu quero fazer o Científico. Onde é que tem?” “Não tem aqui, só tem nas escolas particulares”. “Não tem?”. Rapaz, ali eu acho que da minha infância e adolescência foi o pior dia da minha vida, porque decidi ser jornalista com 13 anos, disse: “Eu vou ser isso daí”. Quando aquela pessoa falou que só era Contabilidade e Administração, fiquei passada (*risos dos alunos*). Continuei: “Mas como? Não tem uma escola pública? Eu não tenho onde fazer? Eu quero fazer vestibular!” Ele disse que não tinha e não sei o que, só sei que teve um momento que me revoltei e ele acabou dizendo que tinha no Liceu do Ceará.

Eu fui para casa e disse para a mamãe que tinha de arrumar uma vaga no Liceu, mas mamãe não queria que eu fosse. (*Essa*) foi segunda vez que entrei em conflito com ela. O Castelo Branco era perto da minha casa e também porque já tinha (*comprado a*) farda, né?! Não pagava ônibus.... Se eu fosse para o Liceu, que era no Centro (*da cidade de Fortaleza*), tinha de pagar ônibus, comprar farda. E ela não queria. Ali eu entrei em confronto, porque eu não podia não tentar.

Descobri o dia que tinha o bendito da coisa lá no Liceu... O período de matrícula, uma coisa assim. Eu nunca tinha ido ao Centro sozinha. Eu tinha 17 anos, 16 anos... Eu não me lembro, não. Quando eu ao naquele Liceu, estava toda me tremendo. Quando eu cheguei à antessala do diretor, só tinha um bocado de mulheres. Mulheres-mãe, daquelas mães que... Aquelas mulheres gordas, que parecem aquelas mães italianas, que você olha e diz: “Essa criatura ali é uma mãe” (*risos da turma*). Então, perguntei para secretária: “É porque eu queria... Eu vim atrás de vaga”. Eu não me lembro como eu falei com o diretor, mas tenho para mim que eu chorei, porque eu *tenho sensibilidade* assim... (*a voz embargando e as lágrimas escorrendo pelo rosto*). Tem umas coisas que não dá, devo ter chorado. Disse para ele, matuta: “Não, é porque eu tenho de fazer o vestibular e estudo em um colégio que não tem o Científico e *tenho* de fazer Comunicação e queria uma vaga... Minha mãe não pôde vir comigo” (*tentando enxugar os olhos com as mãos*), alguma coisa assim... Acho que o homem deve ter sentido pena, alguma coisa, e me deu.

Foi outra guerra lá em casa, quando cheguei. Porque ia ter de comprar farda e não sei o quê... A minha irmã (*Eliete*) disse que assumia a farda e a mamãe, já que eu trabalhava, me desse o dinheiro para eu pagar o ônibus para ir para o colégio. E foi assim que eu entrei no Liceu.

Claryce – A Erilene que existe hoje, existiria sem os estudos?

Erilene – Um das coisas que mais me emocionam, na minha vida, é a educação. Porque, se eu não tivesse... Eu não imagino quem eu... Que tipo de Erilene pudesse existir. Certamente, ela não seria tão feliz como eu sou, porque isso que disse há pouco – “olha eu tenho uma vida que eu quis” – certamente não seria... Sabe por quê? Que dizer, podia ser que eu não tivesse despertado para o jornalismo, né? Podia ser que não tivesse despertado para a palavra, para o jornalismo. Então, eu podia estar feliz de outra maneira. Mas essa é a Erilene que existe hoje, feliz com suas coisas, que se sensibiliza com essas questões, aparentemente, pequenas (*sem a educação*) ela não existiria.

A maioria das pessoas quando falam da minha profissão, elas acham que o momento ápice do meu processo jornalístico foi o sequestro do dom Aloísio Lorscheider (*sacerdote frade franciscano e cardeal brasileiro, além de ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB e ex-arcebispo de Fortaleza, falecido*), que eu fiquei refém lá um tempinho, mas só depois de muito tempo que entendi a grandeza daquele (*ato*). O momento forte para mim, como jornalista, foi um dia que estava fazendo uma matéria... Porque tinha morrido um menino de fome e a gente foi na casa dele – da família dele – e eu encontrei o irmão dele. O menino olhou pra mim, me puxou assim e eu olhei e ele disse: “Eu queria estudar”. Os olhos dele... Ele era negro, sabe? E os olhos dele (*eram*) brancos, cheios de lágrimas olhando para mim e dizendo que queria estudar. Cara, eu quis morrer tantas vezes ali (*voz embargando*), porque eu não podia, naquele momento, fazer nada porque eu sabia o que era que ele estava me pedindo. Ele estava me pedindo a chance que eu tive (*chorando*). A educação é isso pra mim, (*ela*) é desse tamanho (*abrindo os braços indicando a grandeza*).

Nícolas – Do que você falou até agora, eu não vi uma criança, uma adolescente, eu vi uma mulher em miniatura. Algum dia a Erilene foi uma criança?

Erilene – *Viche*, Maria! Agora eu assim cinquentenária, que tu *está* dizendo? Se eu fui criança? Nícolas, eu tenho para mim que eu fui criança até aqueles dez anos, quando a gente saiu lá da primeira casa.

Caio – (*interrompendo*)... Tinha tempo pra brincar, Erilene?

Erilene – Tinha, menino. *Oxel* (*Batendo palma*) A gente ficava brincando no meio da rua, tinha boneca, tinha... Quando eu ficava perto dessas plantas (*rindo*), que eu disse, era criando uma história. Criar histórias pra

Erilene Firmino estudou no Colégio Estadual Liceu do Ceará nos anos 1980, coincidentemente na mesma época em que a outra entrevistada desta edição Lena Oxa.

Durante a pré-entrevista, Erilene Firmino sugeriu que as alunas Carol e Kamylla escutassem a música *20 Anos Blues*, do cantor Pedro Mariano. Dias depois, Carol comentou que havia ouvido a música deixando a entrevistada muito contente.

Quando Eriene cursava as faculdades de Letras e Comunicação, simultaneamente, chegou a se matricular em 14 disciplinas no mesmo semestre. Ela conseguiu passar com êxito em todas.



Quando foi se matricular no Colégio Estadual Liceu do Ceará, Eriene andou de casa, no bairro Demócrito Rocha, até a instituição. Foram aproximadamente 6 quilômetros a pé.

mim era brincar. E ficava brincando de casinha, de fazer comidinha. Aquelas *coisinhas* de mulher... Aquela coisinha que você tem cozinha, o fogãozinho, as panelinhas. Fazia aquele boizinho que caía das mangueiras, a gente brincava de fazendinha. Brinquei!

Agora, criança eu fui até, efetivamente, os dez anos, acho. E, do resto, eu guardei para agora. Por quê? Porque eu tenho para mim que – de vez em quando eu digo isso – eu sou uma adolescente retardatária.

A alegria. Essa alegria que eu tenho, o humor, esse jeito brincalhão de ser. Eu acho que ele tá o tempo inteiro na minha vida. Talvez, em vez de eu ter sido a vida inteira adulta, eu seja a vida inteira esse *fifty-fifty* – cinquenta por cento, cinquenta por cento. Porque eu não deixo essa coisa, que é meio ingênuo, que é meio lúdica, morrer dentro dessa mulher de 50 (anos), entende?! Esse tempo bom que eu vivi até os dez anos foi guardado e se expandiu.

Theyse – Erilene, você fala de educação e literalmente enche seus olhos ao falar disso. E foi uma luta grande para você entrar na universidade, como você falou, na UFC – você fez Letras (com especificação na língua portuguesa) na UECE. Como é que o ambiente acadêmico a construiu, como jornalista e mesclou toda essa visão, que veio desde a infância – que veio de buscar o outro olhar –, como foi que houve a conciliação entre essa Erilene que já existia e aquela que foi formada no ambiente acadêmico?

Erilene – O ambiente acadêmico, principalmente meu curso de Comunicação, só fui descobrir a grandeza dele depois que eu terminei. Porque eu fazia duas faculdades juntas (*Jornalismo e Letras Portugêses*). Simultâneas – na época podia.

Eu passei na UECE (*Universidade Estadual do Ceará*) primeiro. Quando eu passei pra Federal, já tinha dois semestres e eu não consegui largar Letras. E fiquei em Letras e

Comunicação. Eu passava a manhã na UECE, à tarde na UFC e, às vezes, à noite eu voltava pra UECE. Fiz Letras nos quatro anos e Comunicação em quatro anos e meio.

Eu fui percebendo a grandeza dele (*do ambiente acadêmico*) à medida que eu estava na rua como repórter e eu me lembrava “isso aqui ó, isso daqui” (*as mãos gesticulam denotando algo que está sendo ensinado*). Eu, por exemplo, sempre adorei as cadeiras técnicas porque eu queria ser repórter, queria ser repórter, queria ser repórter. Eu queria a técnica, o lead (*é a primeira parte de uma notícia, geralmente o primeiro parágrafo posto em destaque, que fornece ao leitor informação básica sobre o conteúdo que lhe segue*), e isso eles me davam. E hoje, que eu já sou uma pessoa que tenho de pensar comunicação, as matérias, a estrutura, eu tenho de pensar... Eu me lembro das aulas de ética, entende? Então, o curso, a Universidade ainda repercute. É coisa pra sempre assim...

Nícolas – E esse fazer jornalismo mudou dessa época para hoje?

Erilene – Como é esse fazer? O modo?

Nícolas – O dia-a-dia.

Erilene – (*Pausa tentando organizar as ideias*) Rapaz, a operacionalização mudou; a forma de fazer o jornalismo tem de ser a mesma. A operacionalização eu digo por quê: porque hoje nós fazemos jornalismo impresso e o *online* e a forma de fazer o *online* é diferente de fazer o impresso, a operacionalização. Agora, a essência não pode mudar, eu já falei isso em outras vezes que eu fui convidada... Você hoje está fazendo o jornalismo do *instante* (*faz referência ao Web-jornalismo*), mas você não é um internauta, você é jornalista, eu quero um instante com qualidade, e o meu instante com qualidade vai ter de ter um *lead*, vai ter de ter um “outro lado”, vai ter de ter português direito, vai ter de ter informação, entende? Você vai ter de fazer mais ligeiro (*risos*). Mudou essa questão, sabe Nícolas? Eu não sei se estou me fazendo compreender. Mudou a forma de fazer nesse sentido de urgência, mas a essência... A urgência pode até fazer querer se impor à essência, mas a minha luta, o meu jeito de fazer hoje – eu que faço impresso e *online* – é resistência, e eu quero esse *minuto* de qualidade. Então, pode ter mudado, mudou nesse sentido de mais urgência ainda, mas, enquanto eu estiver no jornalismo, enquanto eu estiver em uma redação, vai ter briga e vai ter briga boa porque eu vou ficar brigando para que o que a gente publique seja assim e a pessoa que está fazendo saiba que é jornalista, que não é um internauta, que não é uma pessoa que vai passando no meio da rua *que faz uma imagem e manda,*

Dias após a entrevista, Erilene confidenciou à produtora Carol e também ao Nícolas que se sentiu remexida. “Parecia que estava em uma sessão de terapia. Eu me senti nua”, afirmou.

“(...) eu não quis ser jornalista por causa do jornal impresso, eu quis ser jornalista por rádio. E, de repente, fazer da palavra, do impresso, a história da minha vida é (...) interessante”

Quando foi convidada para participar desta edição da Revista *Entrevista*, ainda em abril, Erilene se mostrou bastante surpresa por ter sido escolhida como personagem.

O fotógrafo Mateus Falcão é a pessoa mais jovem a fazer parte da Revista *Entrevista*. Ela possui apenas 16 anos e ainda está no segundo ano do Ensino Médio.

não é (*fala e gesticula com ênfase*), quem é jornalista é jornalista, internauta é internauta, é diferente.

Carol – Antes de a gente chegar nessa parte do jornalismo mesmo, na nossa pauta, a gente vai falar também do magistério. Você passou um tempo como professora principalmente por causa da Letras. A gente gostaria de saber como foi essa época, o que você tirou dessa experiência e se você sente falta de ser docente hoje em dia.

Eriene – Toda a minha vida, tudo o que eu vivi na minha vida, todas as fases, as experiências que eu estou dizendo aqui para vocês, esses momentos bons e ruins, eles refletem na pessoa que eu sou. O magistério para mim foi uma experiência muito boa, o de estar em sala de aula. Eu ensinei português, literatura e redação, principalmente lá no colégio Piamarta (*Centro Educacional da Juventude Padre João Piamarta, localizado no bairro Montese, em Fortaleza*) aquele da *Aguanambi (Avenida)*, e pra mim foi muito bom, foi muito legal!

Eu acho que eu continuo trazendo o magistério, acho que de certa maneira essa questão da educadora permanece porque no meu trabalho jornalístico eu sou muito didática na hora de pautar, de conduzir, na hora de levar as questões para o repórter, para o estagiário, eu tenho um didatismo que eu herdei da professora. Eu adorei ser (*professora*). E saí chorando, chorei tanto (*as mãos cobrem o rosto*). Eu pedi para sair do colégio Piamarta porque eu arrumei um emprego de dois turnos, era *full-time (termo usado para identificar um trabalho que funciona em tempo integral)* na *VSM Comunicação (agência que há 27 anos oferece soluções em comunicação corporativa)* na assessoria de imprensa, e aí eu tive que sair da escola. Quando a mulher me disse que tinha arrumado a professora, eu comecei a chorar e a mulher disse (*risos*): “Mas foi você quem pediu, foi você quem pediu”. “Mas será que ela vai fazer o que eu faço?” Eu dizia assim porque eu cheguei lá ao colégio e tinha meninos no sexto ano, no sétimo ano que não sabia ler e eu fui ensinar. E eu (*os via*) crescendo.

Eu acho que do magistério eu trago isso, sabe? Eu vejo (*a relação com*) o jornalismo quando eu vejo o estagiário crescendo, eu vou gostando daquele processo dele, vou me sentindo feliz com aquele desenvolvimento... De uma maneira ou de outra, eu também contribuo na formação dele (*do estagiário*) como profissional. De voltar a ensinar, eu não sei... Já teve momento que eu pensei se eu voltasse a ensinar só *era* português, literatura e redação porque eu não queria ensinar jornalismo de jeito nenhum.

Caio – Eriene, (*certa vez*) quando questionada sobre ensinar comunicação, você disse que “não conseguiria ensinar algo que você não acredita mais”. Permanece desacreditada do jornalismo?

Eriene – (*interrompendo*)... Não, mas foi assim... Essa pergunta foi em três tempos. Eu disse assim: teve um momento na minha vida que, quando começou a *pipocar* curso de comunicação, muita gente correu *pra* ensinar, mas as pessoas correram para ensinar (*porque*), além do mercado que estava emergente, tinha muita gente insatisfeita com a redação. As pessoas começaram a me perguntar: “Eriene tu não quer ensinar jornalismo?” E eu dizia assim: “Eu não vou ensinar uma coisa...” Porque teve um momento... Eu estou no *Diário do Nordeste* há 22 anos, já teve umas três ou quatro vezes nesses 22 anos que eu quis parar, que eu quis sair, que eu quis... Teve momento que eu queria desistir...

Rute – Mas você queria desistir daquela instituição ou do jornalismo?

Eriene – Teve momento que era da instituição e teve momento que era do jornalismo.

(*retomando a resposta da pergunta feita pelo Caio*) Era o seguinte: as pessoas diziam assim: “Eriene por que é que *tu não sai* da redação e vai ensinar?” “Por que eu não vou desistir e vou ganhar dinheiro na universidade ensinando uma coisa que eu estou desistindo, porque é mentira”. Passou um tempo, depois teve um momento que eu entendi que o meu cansaço, por exemplo, era da redação e não do jornalismo, porque o processo da redação é muito exaustivo. Quando eu entendi que a questão eram as horas exaustivas de trabalho, trabalhar domingo e feriado, chegar atrasada nos eventos da casa, da família; quando eu percebi que a questão não era o abandono do jornalismo mas o abandono da redação... Entende? Não era a redação do *Diário do Nordeste*, mas trabalhar (*em uma*) redação de jornal que é *hard*, que é duro; que tem hora, mas não tem

“Eu acho que, no fim de tudo, a gente acaba se tornando nossos pais. E talvez uma das formas de eu me tornar os dois é falar tanto e dizer tanto.”

Mateus Falcão, fotógrafo desta entrevista, foi a primeira fonte da produtora Carol, quando ela trabalhava para o caderno *Zoeira*, do *Diário do Nordeste*. Na época, Carol escreveu uma matéria sobre jovens fotógrafos.

hora. Então, quando eu disse que não queria ensinar o que eu não acreditava, é porque eu achava que estava desacreditando do jornalismo. Depois eu compreendi que eu estava era cansando, ficando velha e querendo fazer outras coisas. Daí, nesse sentido, não tem problema nenhum. Nesse momento nós estamos vivendo uma mudança absurda no mercado, o nosso mercado jornalístico dos impressos é demissão, demissão, demissão, nós estamos vendo, estão se construindo veículos novos, outras formas de fazer, e eu não sei se eu tenho competência para esse mundo novo.

Diego – Erilene, desde 1994 você está lá no *Diário do Nordeste*, né? Como é que foi chegar até lá? Foi a primeira instituição que você participou efetivamente como jornalista?

Erilene – Eu entrei no *Diário* como estagiária no último semestre do curso – último ou penúltimo –, e, depois, quando terminou, eu ainda passei seis meses lá. Eu entrei pela (editoria de) cidade, né? Depois, eu passei um tempo na (editoria) internacional, contratada, prestando serviço. Depois eu saí de lá, fui para o *Tribuna do Ceará*, que é um jornal – não é o site – o site pegou o nome, comprou o nome, fez não sei o quê com o nome, mas era um jornal que tinha ali no cruzamento da (Avenida) Desembargador Moreira com a Pontes Vieira, que hoje é um Bradesco bem grandão, ali tinha a *Tribuna do Ceará*, eu trabalhei ali como repórter. Depois da *Tribuna*, eu saí, e em 1994 fui contratada pelo *Diário*. Eu fiz muito teste no *Diário* (risos), eu entrei na terceira vez, na terceira vez (fala dando ênfase à persistência), aí eu já entro matando assim... (faz referência a episódio do IPPS que será comentado mais à frente). Eu fiz um teste, eu fiz dois testes lá (corrigindo-se), e o último foi assim: a pessoa me disse, um amigo meu: “Erilene vai ter uma seleção no *Diário*, mas quem vai entrar é fulano, mas se tu quiser tu vai pro pessoal se lembrar de novo de

ti”. Eu disse: “Pois eu vou” (risos). Fui e dessa vez de fato ficou a pessoa e depois eles me chamaram para eu ser contratada e foi a terceira vez. “Espera aí que vocês me pagam, agora eu vou ficar uns 22 anos por aqui”.

Aline – Você sempre lembra das palavras do professor Agostinho Gósson (jornalista e ex-professor do curso de jornalismo da Universidade Federal do Ceará, falecido em 11 de dezembro de 2015) e o jornalismo humanizado, do jornalista ser uma resistência dentro da grande mídia. Como você leva essas ideias dele para o seu fazer jornalístico?

Erilene – Olha, é assim... (momento de silêncio tentando resgatar as memórias) toda a história da minha vida que eu contei aqui para vocês, sou eu. Então, quando eu estou na redação do *Diário do Nordeste* que aparece uma matéria sobre as questões sociais,



A Revista *Entrevista* é o primeiro trabalho profissional de Mateus Falcão como fotógrafo. Ele acabou se empolgando durante o encontro e registrou mais de 500 imagens no dia.

Filipe Pereira auxiliou Mateus Falcão na seleção e edição das imagens. Os dois passaram uma tarde se dedicando a esse trabalho na casa do Mateus. No fim eles reduziram o número de 500 para 170 fotos.

A característica mais marcante de Erilene Firmino relatada por pessoas entrevistadas pela produção é que ela é "muito mãe" devido à preocupação em querer resolver os problemas dos outros.



eu faço tudo para que aquela pauta entre na pauta e seja publicada. A minha resistência é nesse sentido de colocar essas questões sociais, que acabam de alguma maneira resultando para o bem comum da população, ali dentro. É uma resistência cotidiana, de você ficar lutando o tempo inteiro pelo bom jornalismo. Não é que fique um monte de urubu dizendo: "Vamos destruir o mundo, vamos fazer merda (*fala cochichando*)", não é assim, é o processo que se constrói rapidamente; e a resistência minha é de não desistir. É de estar ali dentro lutando pela qualidade, lutando por essas questões que pra mim... Quando eu digo "pra mim" não são as questões da Erilene Firmino, mas são as questões da maioria da população. Um exemplo claro: essa história que nós estamos vivendo hoje do racionamento de água. Cara, é uma luta conseguir arrancar do governo e a minha resistência é não desistir, é ir infernizar, entende?

Kamylla – A forma humanizada de você escrever, mesmo dentro (*da editoria*) Cidade, é uma forma de resistência?

Erilene – Eu acho que o jornalismo tem de ser humanizado, eu não entendo o jornalismo sem ser assim. Eu digo mais resistência de você não ir pelo caminho mais fácil, de você está em um feriado dentro de uma redação e entender que tem de estar ali porque as pessoas precisam de notícia. Então, é a resistência nesse sentido de você não desistir de colocar essas... É como se eu estivesse o

tempo inteiro que estar dando continuidade à responsabilidade social do jornalista, que é trabalhar para o bem comum para trazer para a população as notícias, a minha resistência é essa.

Eu trabalho dentro de uma empresa enorme de um grupo nacional e eu estou ali dentro tentando me equilibrar nesses interesses de todo o veículo de comunicação – todos os veículos de comunicação têm interesses –, e cumprir a minha função social como jornalista de trazer as questões da sociedade para dentro desse jornal que eu trabalho. A minha não resistência era eu, por exemplo, ficar só falando de música (*risos*) e de literatura, né? Aí seria não resistência, porque é uma coisa eminentemente muito prazerosa na minha vida. A minha resistência se dá desta maneira: conseguir trazer para dentro do veículo de comunicação onde eu trabalho as questões que eu acho que são importantes para alguém comum.

Rute – Erilene, e quais foram as principais dificuldades que você encontrou durante toda essa trajetória para fazer essa resistência, para exercer isso?

Erilene – Menina, todo dia tem uma diferente.

Rute – Teve alguma coisa que te marcou muito, que te fez querer desistir?

Erilene – Mulher, eu adoro jornalismo! Eu acho que desistir... Eu não consigo abrir mão do jornalismo (*só*) porque as coisas não são exatamente como eu quero. Quando eu

Em entrevista com a amiga Franscristina, Francis relata que durante o período da UECE Erilene Firmino datilografava os trabalhos das amigas a fim de conseguir dinheiro para se manter na universidade.



O encontro com o fotógrafo Mateus Falcão aconteceu no espaço Café Vitrola, localizado no bairro Benfica, em Fortaleza. Lá o fotógrafo recebeu mais informações acerca do projeto da Revista *Entrevista*.

“Sou uma sobrevivente da seca (...) Talvez porque meus pais nunca tenham se sentindo de Fortaleza, eu tenha ficado com essa saudade”

terminar o meu tempo, quando eu deixar o jornalismo, vai ser mais por uma necessidade de qualidade de vida do que efetivamente por dificuldades. Porque as dificuldades elas são cotidianas, elas vêm do chefe até a dificuldade de um veículo. Tu viste na hora que eu disse que as donas de casas são meio administradoras e eu acho que herdei muita coisa de minha mãe – eu sou administradora – e eu consigo resolver essas questões e ir avançando. Por mais dificuldades que por ventura eu tenha tido de a gente querer que saísse a matéria e não sair, da gente não querer que saísse e sair, não sei o quê, nenhuma dessas questões fazem parte do processo jornalístico e cabe ao jornalista – que se entende jornalista – saber que vai *pra* ali é para brigar mesmo, é para batalhar, é para resistir, resolver, então eu resolvo.

Tem horas que se eu precisar engolir um sapo, eu engulo e tem uma hora que se tiver como eu vomito o diabo deste sapo e depois eu dou outro jeito de fazer... Você está nessa luta permanente para dar solução às questões o tempo inteiro, é isso. Não teve até hoje uma coisa tão absurda que fizesse com que eu (*pensasse*): “Eu vou embora desse lugar porque eu não quero mais saber de jornalismo nem quero mais saber de redação”. É mais um processo humano, um processo da mulher, um processo da Eriene que passou essa vida inteira ocupada, né? Eu acho que quando chegar esse momento de eu ir é mais dessa pessoa, como ele disse (*apon-*

tando para o Nicolas), que nunca foi criança, de viver outras coisas, mas não... Porque o jornalismo ou você se entrega, ou você não se entrega.

Caio – Eriene, o seu início no *Diário do Nordeste* é digno de filmes como “Todos os homens do presidente”. Qual foi a sensação de chegar à redação após o ocorrido no IPPS (*Instituto Penal Paulo Sarasate*) e ter de sentar e escrever, ter de fazer jornalismo?

Carol – (*interrompendo*) Antes de você responder diretamente à pergunta do Caio, só faz uma retrospectiva de como aconteceu, de como foi o episódio...

Eriene – Vocês têm de entender antes de qualquer coisa o seguinte: esse episódio do Dom Aloísio, eu era foca (*expressão que faz alusão a um jornalista novato, inexperiente*), estava há dez dias no *Diário do Nordeste*, certo? Então, meu chefe me pautou pra ir pra essa visita pastoral lá no presídio e eu fui tranquilamente. Eu não tinha ideia do tamanho da encrenca em que eu estava envolvida, eu não tinha ideia, entende? Eu fui, cheguei lá, a gente fez a visita, quando começou a confusão que eu corri e voltei pra minha pauta – porque era uma pauta de cidade que se transformou em (*uma de*) polícia –, eu não tinha ideia do tamanho... Fui tranquilamente; sempre chegava cedo, o outro repórter atrasou e ele (*o chefe*) me mandou (*cumprir a pauta*), e eu fui. E cheguei lá... Acompanhando o Dom Aloísio, acompanhando o Dom Aloísio. Quando começou a confusão, eu fiz

Após a reunião sobre o projeto da Revista *Entrevista*, a produtora Carolina Melo, o apoiador do projeto Filipe Pereira e o fotógrafo Mateus Falcão se dirigiram ao Shopping Benfica a fim de lancharem.

No episódio do IPPS relatado por Eriene, o fotógrafo Luciano Carneiro, também do *Diário do Nordeste*, registrou o momento em que o detendo "Carioca" imobilizava Dom Aloísio com uma arma artesanal, conferindo para si o Prêmio Esso de Fotografia.

"Nunca fui de querer muito. (...) Tenho o amor, não preciso de todos os amores do mundo. Eu conheço o amor"

como qualquer outra pessoa – jornalista – faz na hora da confusão, a gente tenta se proteger como pode.

O diferente na minha história é que eu fui para o corredor, eu corri, e me lembrei do (*professor*) Agostinho dizendo que a minha pauta não tinha acabado: "Qual é a minha pauta, qual a é a minha pauta?" É tanto que eu era tão foca, tão foca, tão foca, tão comezinho, tão comezinho (*dá ênfase à inexperiência tentando justificar a atitude*) que eu precisei correr *pra* me lembrar que a minha pauta era o Dom Aloísio. Se eu fosse mais experiente – eu tenho pra mim – e comprometida, não sei, eu não teria corrido, eu corri porque eu estava começando e eu não me toquei que a pauta era o Dom Aloísio, eu precisei ir até a metade do corredor e me lembrar do Agostinho (*risos*) dizendo: "A pauta só termina quando acaba" – "valha meu Deus" e corri... "Peraí" e voltei porque eu não sabia o que fazer, eu não conhecia as pessoas, eu estava começando. Então eu corri e pensei: "O que é a minha pauta? Mas eu tô fugindo da minha pauta. O que é a minha pauta? É o Dom Aloísio e ele está lá dentro. Eu tenho que voltar", pronto, eu não tinha ideia... E vivi aquilo ali.

Não foi difícil pra mim chegar à redação e escrever, o difícil *pra* mim, rapaz (*o semblante se torna pensativo levando a mão ao queixo*)... Foi horrível! Sabe por quê? Horrível porque o material que eu escrevi foi completamente localizado, a parte que me coube era narrar a história de dentro da coxia (*também chamada de bastidores. É o lugar situado dentro da caixa teatral, mas fora de cena*) de onde a gente *tava*, de dentro do espaço dos reféns, eu passei lá (*aproximadamente*) duas horas, eu tinha de contar aquilo ali. Então, *pra* mim foi horrível no sentido de... Não é que o processo fosse doloroso, é porque eu não sabia o que era que eu tinha de dizer, era de desconhecimento mesmo. Por quê? Eu volto a dizer: o momento mais difícil *pra* mim naquela história toda não foi a jornalista, sabe por que Caio? Caio, *né*, o teu nome? É porque eu acho que – eu posso ser meio doída, mas cara, a nossa profissão é assim,

entendeu? A profissão é assim rapaz; a gente enfrenta muita coisa. Eu já entrei no *Diário do Nordeste* sete horas da manhã e já sai dez horas da noite sem ninguém me pedir "fica aí Eriene" – ninguém disse. Nossa profissão é assim. Foi ruim *pra* mim ver os caras (*presidiários*) batendo lá nos padres e, quando eles mandaram eu sair e um apontou a arma para as minhas costas e eu caminhei para o policial que apontava a arma para minha frente (*faz gesto com as mãos que remetem à forma que as armas estavam apontadas para ela*), esse momento foi difícil como pessoa, eu nunca tinha vivido aquilo, e eu ergui as mãos e disse que era jornalista: "Não atire que eu sou jornalista". Eu tava dizendo "não atire" pra quem? Que os bandidos estavam aqui e a polícia estava acolá e eu aqui no meio. E quando eu cheguei na polícia, que eu disse que tinha de voltar (*a voz embargando*), porque eles tinham dito que eu fosse buscar as armas se não eles matavam as pessoas; e eu disse para o policial: "Eu tenho de voltar". E o policial: "Corra"; "eu tenho de voltar". E ele: "corra". E eu saí correndo desesperada (*fala emocionada com as lágrimas escorrendo na face*) porque eu achava que eles iam matar as pessoas e a culpa era minha. Foi a pessoa (*como se dissesse: não foi a jornalista*).

Quando eu cheguei ao jornal depois *pra* escrever, eu não gostei do meu trabalho porque no outro dia eu quis... Quando eu vi o jornal, eu disse: "Meu Deus, eu errei, eu errei, eu errei" (*fala em tom de indignação*) porque o *Diário do Nordeste* trazia a manchete com não sei quanto e eu tinha (*colocado na matéria*) só nove – "eu errei a conta, eu errei a conta". Mas não era não, graças a Deus (*fala em tom de alívio*), tinham nove (*reféns*) lá dentro (*contando*) comigo, mas envolvidos no processo todo tinham uns 11, 13 (*detentos*), ou sei lá quantos eram... No outro dia, quando eu saí, não tive problema nenhum como jornalista de voltar para a redação e escrever, eu não tenho essa...

Caio – (*interrompendo*) Teve euforia nesse processo para escrever já que você tinha acabado de viver uma experiência tão forte...

Eriene – (*interrompendo*) Não, não, não! Acabado de viver... Tu sabes que horas eu cheguei no jornal? Eu vivi isso por volta de meio dia, eu cheguei ao jornal eram cinco horas da tarde porque eu fiquei esperando ser rendida (*fala em tom descontraído*) porque tinha que ficar uma equipe lá. Eu saí e fiquei lá do lado de fora, (*em um*) portãozinho que tem, aí o sangue foi baixando. Quando eu voltei pra redação cinco horas da tarde, eu estava era morrendo de fome e... Sei lá, eu liguei *pra* casa *pra* dizer que estava tudo bem, aliás, eu liguei pra casa não, ligaram *pro* jornal: "Cadê a Eriene" – porque estava

O contato com a ex-chefe de reportagem do *Diário do Nordeste*, Isabel Pinheiro, que ainda mantém laços de afinidade com a entrevistada, não foi possível devido ela não dispor de tempo para atender às ligações.

passando na televisão; pra mim foi ok.

Theyse – Em meio a essa correria que eu imagino que tenha sido esse episódio, como relata, você estava sempre preocupada com o trabalho, embora naquele momento a pessoa também tenha sofrido. Mas no meio de tudo isso teve tempo, digamos assim, para sedimentar alguma trauma, alguma coisa que... Lógico, a experiência toda foi negativa, mas, deixando o jornalismo de lado, a Eriene?

Eriene – Durante muito tempo, quando ouvia um “click”, eu me assustava e eu nem me tocava o que era. Até que uma vez eu vi, quando você vai atirar e fica entupido? Na rua eu ia andando, estava dentro do ônibus e ouvia um “click” eu me assustava. Do episódio do Dom Aloísio, naquele começo, ficou esse “click” que é um sonzinho que antecede o puxar do gatilho – tu puxa o gatilho e faz “click”.

Diego – Mas naquele momento teve um momento que você talvez olhou para o espelho e ficou pensando “poxa, eu sobrevivi”?

Eriene – (ela ri) Eu rio não é da tua pergunta não (risos da turma), é porque eu acho que eu sou doida mesmo sabe, rapaz? Porque o Ceará só veio ter ideia do problema do sistema penal depois daquilo ali (do episódio no IPPS). Então eu – que estava começando – não tinha essa ideia de que eu tinha sobrevivido a questões... Pra mim aquilo ali não era um fato extraordinário, único e ímpar, eu tive ciência de que era extraordinário depois que eu participei, que eu vivi. O próprio sistema penal também assume isso, que eu já fiz outras matérias voltando a esse tema. Eu não tive nenhum momento que eu dissesse assim: “Valha meu Deus, eu sou jornalista e estou vivendo isso daqui”. Não. E, durante muito tempo, eu não gostava nem de falar disso porque eu não queria trazer pra mim, me tornar protagonista, porque o jornalista não é pra ser protagonista, ele conta a história. Foi preciso passar esses mais de 20 anos pra eu poder aceitar como processo da história, depois resgatar...

Kamylla – Então, como foi para a Eriene pessoa e jornalista, após esses 20 anos, voltar àquele local?

Eriene – Quando se passaram 20 anos, disseram que iam implodir o presídio, aí a gente conseguiu entrar (para produzir uma



O sequestro do Dom Aloísio aconteceu em março de 1994 e durou em torno de 20 horas. Os presos fugiram em um furgão com 26 pessoas (incluindo reféns), a perseguição durou dez dias, 12 fugitivos foram capturados, dois detentos morreram e um policial se feriu.

“A urgência pode até fazer querer se impor à essência, mas a minha luta, o meu jeito de fazer hoje (...) é resistência”

Durante a pré-entrevista, as produtoras Kamylla e Carolina e a entrevistada Eriene Firmino foram abordadas pelo coordenador do curso de jornalismo da UFC, Rafael Rodrigues, que tirou fotos da entrevistada para fins de divulgação na página da UFC.

Desde o dia que o coordenador do curso de Jornalismo da UFC Rafael Rodrigues ficou sabendo da entrevista com a jornalista Erilene Firmino, começou a colocar pressão na dupla de produção requerendo um ótimo desempenho na entrevista.



reportagem especial sobre os 20 anos do episódio). E eu já era chefe de reportagem. Eu não queria ir, achava besteira (*fala cochichando*), besteira não a pauta (*risos*), a pauta era interessante. Mas cabia a mim decidir se ia ou não porque eu já era chefe de reportagem, não era mais repórter. Eu não *tava* muito a fim de ir não porque escrever é muito trabalhoso, escrever dá muito trabalho (*reitera*) e era uma série e eu não estava muito a fim (*de escrever*). Mas acabou que a gente levou tanto tempo para conseguir entrar que eu entendi que jornalisticamente para o jornal (*seria*) interessante que eu fosse, porque os jornalistas da época não tinham nenhum efetivamente que pudesse entrar e contar a história como eu podia entrar e contar. Eu achei que seria um diferencial para a minha editoria, que é a Cidade, e para o *Diário do Nordeste*.

Eu fui como jornalista. Rapaz, foi uma das maiores lições que eu tive na minha vida, porque como pessoa, como cidadã, foi muito difícil... Jornalisticamente, foi muito bom porque eu descobri coisas que eu não sabia fazer. Quando eu tinha dez anos de *Diário*, que fez dez anos e o meu editor pediu pra gente fazer a matéria minha dos dez anos... Ela tem uma coisa boa que é uma entrevista que eu consegui com o Dom Aloísio por *e-mail*, mas eu escrevi em terceira pessoa, e em primeira pessoa assim *num* canto. Eu fiz a matéria assim: "Dentre os reféns, estava a jornalista Erilene Firmino" – e assinava a matéria "Erilene Firmino". E falava "Erilene Firmino" na terceira pessoa. Quando dá fé

está aqui Erilene Firmino em primeira pessoa contando a história, *diabo é isso?* Por quê? Porque eu Erilene, jornalista, repórter, não sabia escrever em primeira pessoa uma notícia, uma reportagem... Eu não sabia, porque a gente não escreve em primeira pessoa, a gente escreve em terceira, eu nem sabia que não sabia, eu fiz aquele negócio acolá.

Quando foram os 20 anos, foi uma *puta* de uma lição porque os últimos 20 anos da minha vida foram bem intensos, bem marcantes. Foi quando eu acho que eu endureci, eu *adulteci*, eu perdi... A vida adulta é complicada, a vida nunca foi muito fácil pra mim, mas nunca me incomodou tanto quanto me incomodou nos últimos anos. Então, quando eu voltei que eu comecei a construir de novo (*a história do episódio no IPPS*) acabaram voltando os 20 anos. Eu já fazia crônica e eu consegui fazer o texto principal em primeira pessoa, eu peguei esse "click" que eu digo e comecei o texto falando que todas as vezes que eu ouvia esse som, eu me remetia *pro* dia lá – aí dava a data do (*episódio no*) prédio e começava a falar em primeira pessoa. Eu não sabia que eu sabia fazer isso – eu estou há 22 anos no jornal, descobri que sabia fazer isso faz dois anos. E eu fiz esse negócio da primeira pessoa com informações contundentes do jornalismo, fiquei besta quando vi depois: "Valha meu Deus, como foi que eu fiz isso?" Porque as pessoas ficaram admiradas pelo processo de construção do texto e eu fui ver que eu tinha construído aquilo ali. Mas a última página eu escrevi chorando porque eu não queria admitir no começo que aquela

Após a pré-entrevista, os coordenadores do curso de jornalismo da Universidade Federal do Ceará Naiana Rodrigues e Rafael Costa saíram com a jornalista Erilene Firmino a fim de "colocar os papos em dia".



A saída pós-entrevista da Naiana Rodrigues, Rafael Costa e Eriene Firmi- no ainda rendeu uma foto que foi publicada no perfil do Facebook da Naiana com a legenda "O grande encontro!!!"

historia também era a minha, para mim só era a história do Dom Aloísio e do sistema penal. Eu saí de lá (*da redação*) acabada, parecia que tinha feito sessão de terapia...

Aline – Eriene, esse episódio marcou a sua vida pessoalmente e profissionalmente também. Mas não era você que ia ser mandada para essa pauta, era outro jornalista e como ele chegou atrasado, foi você. O que você pensa dessa estranha coincidência?

Eriene – Mulher, na vida tem muitas dessas estranhas coincidências. Por ser estranha a coincidência a gente já não explica, né? Eu não tenho como cientificamente explicar as coincidências, é você acreditar... Se tu tá me perguntando se eu acredito que (*foi*) o destino ou se eu estava predestinada pra isso, ou algum coisa assim, eu não sei lhe dizer... Essa minha capacidade de resolver, de solucionar essas coisas que eu acredito do jornalismo, elas (*as coisas*) fazem com que, aparecendo uma coincidência, dê certo.

Claryce – Como perspectiva de análise da sua trajetória dentro do *Diário do Nordeste* passando de repórter para chefe de reportagem, o que você acha que mudou na Eriene jornalista nesses 22 anos de empresa?

Eriene – Repórter, redatora e chefe de reportagem... Da Eriene jornalista o que mudou? Mulher, eu estou muito mais sabida (*risos da turma*), muito mais sabida não só como jornalista, sabe? Mas como pessoa, né? Como pessoa. Você vai acumulando o conhecimento. Eu avancei muito em conhecimento como profissional nesses 22 anos, de repórter para chefe de reportagem, de

você ver pautas, dar a pauta, você vai vendo coisas além, o que pode ser. Eu fui avançando em conhecimento não só porque estava dentro do *Diário*, mas porque também fui amadurecendo como pessoa e os meus conhecimentos foram se ampliando. Então, em termos de conhecimento, eu tenho muito mais *norral* (*do inglês Know-how que significa "saber como"*) de fazer, eu tenho muito mais sensibilidade; eu aprendi também a lidar com o outro, a saber o perfil das pessoas que estão trabalhando comigo. É impossível você viver dentro de uma redação como jornalista e aquilo também não mexer contigo, eu sou outra pessoa completamente diferente e muito da Eriene Firmi- no da Silva, que é o meu nome, vem desse período que eu passei no *Diário*, por exemplo. Essa questão de gerenciamento, decisão rápida, de você ter de decidir rapidamente, isso aqui eu não tinha, eu adquiri no *Diário*, na história da chefia, de você ficar calmo quando todos estão desesperados. E trouxe *pra* minha vida além jornalista, então, foi muito crescimento profissional e como pessoa.

Aline – Eriene, você observa alguma importância de haver duas mulheres, você e a Marta, em uma chefia de reportagem?

Eriene – É legal, né? É legal! Eu acho relevante. Hoje eu e a Marta, o nosso trabalho está limitado a uma área geral, que é (*as editorias de*) cidade, polícia e regional. Teve um momento em que nós duas éramos chefe de reportagem, hoje eu sou chefe de produção da geral e a Marta editora de área. Houve um momento que era diferente, nós éramos che-

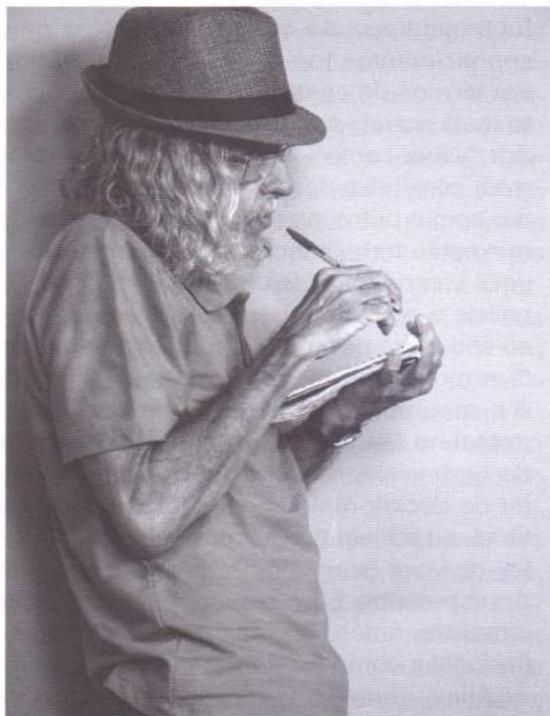
A amiga de Eriene Firmi- no, Francis, em entrevista por telefone com a produtora Kamylla Veras descreve a amizade das duas através da expressão "somos alma gêmea" e para ilustrar essa relação conta que "quando uma está mal a outra sente".

Em entrevista Eri-
lene relata a insistência da vi-
ce-coordenadora do cur-
so de jornalismo da UFC,
Naiana Rodrigues, em
convencê-la a dar início
na carreira de magistério
dentro da universidade.

fe de reportagem do *Diário*, ela de manhã e eu de tarde, e você, de uma maneira ou de outra, tinha a responsabilidade por toda a redação. Eu acho importante a gente como mulher ter esse espaço. Eu vejo também essa história de você ter muitas mulheres no jornalismo e tem uma hora que ou você *bota* mulher pra chefiar, ou então você não tem chefe. No nosso caso, a gente foi crescendo, os nossos chefes de reportagem anteriores nós fomos avançando dentro desse processo e, quando eles se aposentaram, nós fomos promovidas pra isso. Então, eu acho legal ter esse espaço como mulher ali pra chefiar a área e achei importante também quando chefiava a redação como um todo... Acho legal a gente ter esse espaço, né?

Theyse – Eri-
lene, você relata e dá para captar nos seus olhos que existe certa dificuldade de se colocar no que você escreve, tanto que o episódio do IPPS você escreveu a última página chorando. Mas, na Eri-
lene cronista, qual a quantidade de você que cabe no seu texto?

**Eri-
lene** – A última página eu escrevi choro-
rando não era porque eu tivesse com difi-
culdade de me posicionar. Na verdade, eu



Na Pré-entrevista Eri-
lene relatou ter planejado
e escolhido as músicas
do enterro junto à irmã
mais chegada Eliete en-
quanto ela ainda estava
no hospital.

descobri que sabia me posicionar, escrever em primeira pessoa, escrevendo aquela re-
portagem. Eu escrevi chorando porque eu
tinha passado quase 20 anos sofrendo, esses
20 anos que eu passei, eu perdi a minha mãe
(*fala com a voz embargada*), a minha irmã (*Eliete*), eu aprendi, eu sofri. Então, quem chorou
ali não foi a jornalista, foi a Eri-
lene, porque eu fiz o retrospecto, 20 anos, ali eu me lembrei
como foi que eu cheguei em casa, eu tinha
perdido, eu tinha sofrido grandes perdas, e
escrever sobre o dia me lembrou do dia há
20 anos atrás de tudo o que eu tinha passa-
do. Eu sofri pelos sofrimentos que eu tinha
passado nesses 20 anos, a Eri-
lene, as perdas que eu tive e o que eu não tenho mais.

Os textos das crônicas já *eram* diferentes
porque para mim é difícil ser o foco, ser alvo,
eu efetivamente não faço nada com esse in-
tuído, pra aparecer. Os meus textos são eu e
não são, eu estou ali e não estou, em cada
um, é impossível eu não estar, porque cada
um deles fala de mim, de como eu vejo a
vida, de como eu penso. Não tem como eu,
Eri-
lene, não estar ali. Ao mesmo tempo, nem
tudo que eu escrevo é meu. Eu vivi. Em cada
texto meu eu estou, a minha sensibilidade
está lá, o meu jeito de ver a vida, as minhas
crenças e todas essas formas.

Eu escrevo em primeira pessoa porque
sempre escrevi diários e o convite pra escre-
ver crônicas (*no Diário do Nordeste*) veio a
partir de um blog que eu tenho – que tá para-
do, bichinho – que é o *Diário da Eri*. Comecei
a escrever o *Diário da Eri* quando eu parei de
escrever pro jornal, virei chefe de reporta-
gem e não escrevia. Começou aquela agonia
de não escrever, aí eu criei o blog *Diário da
Eri*, aí eu escrevi em primeira pessoa.

Nem sempre o que eu estou dizendo eu
vivi. São coisas que eu sinto a partir de “n
questões”: uma música, a literatura, uma fra-
se, um olhar, uma pessoa... Em todos eles
eu estou e não estou. Então, dificuldade de
me expor, de me despir, de ficar assim: “Eis-
me aqui”. Eu tenho absoluta porque pra mim
é difícil, não é objetivo meu, nunca foi, ser
foco. Isso aqui é mais... Sei lá, resultado, são
coisas que eu não consigo deixar de fazer;
eu posso amanhã não escrever mais para o
Caderno 3, eles desistirem, o *Diário* desistir
dessa coluna, mas eu nunca vou conseguir

“Toda a minha vida, (...) as experiências que eu
estou dizendo aqui para vocês, (...) refletem na
pessoa que eu sou”

deixar de escrever.

Não sei quanto tempo faz que as minhas crônicas vêm sendo publicadas, mas eu sei quanto tempo faz que eu escrevo, desde que eu me entendo por gente eu escrevo. Eu sempre escrevia, eu não sei fazer outra coisa, eu só sei escrever. É como eu sou. Então, eu tenho dificuldade, sim, de me expor porque eu não sou uma pessoa pública.

Carol – E já que você falou que tem dificuldade de se expor, como você lida com a recepção dessas crônicas, de pessoas ligarem para você ou até mesmo pessoas do jornal virem falar com você após uma publicação de uma crônica que é algo tão íntimo seu?

Eriene – Eu acho muito legal! Para mim ainda é estranho; eu acho estranho mas é legal como cada pessoa vê de uma maneira diferente. Depois que eu termino o meu texto e mando para o jornal, é incrível como ele não é mais meu. Terminei, mando para o jornal e “acabou-se”. E as pessoas já começam a ler e ver, eu acho interessante.

Na pré-entrevista eu disse para as meninas que o meu processo é um pouco lento e eu só descubro as coisas depois que passaram, né? Eu disse: “Olha eu só descubro as coisas depois que passou”. Depois que passa eu “Valha e foi assim, valha foi assim?” E as pessoas ligando e gostando. Assim que começou foi uma grata surpresa, eu achei legal saber escrever (risos). Saber escrever assim... Porque eu escrevo desde sempre, mas escrever de maneira que as pessoas compreendam e o texto as toque e fale delas, né? Pra mim é ainda muito estranho. Eu fico feliz que as pessoas gostem e entendam e se sintam próximas, mas se isso um dia acabar eu vou continuar escrevendo porque é a forma que eu sou.

Diego – Eriene, para finalizar, permita-me que eu leia um trecho de uma crônica sua intitulada a “Insaciável fome de mundo” (*Eriene se assusta: “valha meu Deus”*). Ela foi publicada dia 2 de outubro no Caderno 3, diz assim:

“Comigo anda uma vontade de singrar mares, de explorar estradas, de ficar nesse indo e vindo sem pouso certo. Ver o mundo, observar as pessoas, escolher espaços diferentes para habitar, outros aconchegos. Ter uma nova forma de olhar a vida. Meu tempo agora é de desapego a explicações e algemas. Tenho desatado os nós de tudo que de alguma forma aprisiona, inclusive o menos óbvio – carinho, segurança, o conhecido –, esvaziando a mala para tornar leve o caminho. Nasci passarinho, não suporto grilhões sejam eles quaisquer.”

Agora eu te pergunto: por onde é que vai andar esse passarinho daqui para frente, quais são os seus planos para o futuro?

Eriene – Cara, (faz silêncio tentando organizar as ideias)... Eu acho que o meu tempo... Eu tenho sentido uma necessidade muito grande de ter uma vida mais leve. Eu gosto de dizer as mortes das minhas mães porque a minha irmã que morreu. (fala emocionada) É como se eu tivesse uma mãe biológica e uma mãe adotiva. A Eliete, que foi a minha mãe que morreu, foi aquela que brigou, que lutou para que eu fosse *pro* Liceu, facilitou, a gente se aproximou muito – a gente era muito próxima – e o processo de luto é muito demorado. Essas mortes, que foram duas em seis meses de diferença, de duas mães, me deram uma urgência de viver. Eu não quero mais ficar esperando que um dia... Eu não quero mais ficar... Entende? Eu tenho urgência de ser feliz mais plenamente. Sabe aqueles desejos que a gente tem, sabe as histórias de levar o mar pra Maraponga? As questões que você pretende, o que é importante pra você, eu quero viver, eu não quero terminar sem ter vivido isso. Elas duas, quando morreram, morreram plenas, porque a minha mãe morreu tinha 85/86 anos, mas ela tinha tido a vida que ela tinha se proposto, ela estava com os filhos dela; a minha irmã morreu de uma maneira bem mais serena, inclusive, do que a minha mãe, e ela também tinha realizado o que se propôs. E essas mulheres lá de casa sempre foram mulheres muito fortes e eu sou uma herdeira fiel delas, eu não quero terminar diferente, eu quero ser plena.

Hoje eu tenho a vida que eu quis para mim e o que eu quero mais ainda é ter uma vida mais leve, continuar escrevendo, poder usufruir mais, porque a minha vida toda foi sempre muito ocupada. Ai, “Eriene, o que é que tu vai fazer? Tem algum projeto?” Eu não tenho efetivamente nenhum projeto concreto. Eu sei o que eu quero: ter uma vida mais leve. Um dia eu quis ser jornalista, sou, levou um tempo, e hoje o meu projeto é ter uma vida mais leve e eu *estou* efetivamente começando a construir isso.

Quando eu fiz isso (a crônica “Insaciável fome de mundo”) em outubro, eu estava começando a sair desse processo de luto, essa urgência, esse passarinho – essas histórias de passarinho têm muito a ver com o meu pai – tem essa necessidade de ver tudo e esse tudo é dentro dessa ideia, desse projeto que eu tenho, essa vontade hoje de ter uma vida mais leve e ser mais tranquila, sabe? É por aí que esse passarinho vai voar.

A cor preferida de Eriene é o vermelho. A formação foi confidencia da pela amiga e também jornalista Marta Bruno, durante a entrevista com a dupla de produção, Carol e Kamylla Karen.

Ao falar de Eriene Firmino e, consequentemente, lembrar as histórias e as situações que passaram juntas, Marta Bruno não resistiu e se emocionou na entrevista da pré-produção.